

Entre-Douro-e-Minho

Orlando Ribeiro

Entre-Douro-e-Minho¹ foi o núcleo da *Terra Portuguesa*, gravitando em torno da metrópole de Braga (o arcebispo é, como o de Toledo, *primaz* das Espanhas), da corte de Guimarães e do burgo marítimo do Porto; este, também sede de antigo bispado, contra o qual a gente do concelho se rebelou sempre quando o seu jugo pretendia tornar-se pesado², mais tarde a segunda cidade do país em população e importância económica e política. Esta província tem maior densidade de cidades e vilas urbanas do que qualquer outra, portos interiores e de mar e uma concentração vertical de indústrias tradicionais.

Em Guimarães avultavam as indústrias de couros e peles, as cutelarias que utilizavam o excelente combustível da curtimenta (casca de carvalho e raspas de peles e coiros), de cabos e pentes de chifre e, no século XIX, de algodão que acabou por substituir o quase desaparecido fabrico caseiro do linho. Com os escorros do Rio de Couros, até há algumas dezenas de anos, fertilizavam-se as hortas da freguesia suburbana de São Miguel de Creixomil, de que se abastecia a cidade. A velha corte dos Condes de Portugal, ainda com alguns palácios da mais antiga nobreza, tem hoje uma fisionomia social onde os industriais sobressaem, procurando aceder a esta classe de iniciativa e prestígio os derradeiros representantes de uma aristocracia que o perdeu para sempre.

O tear caseiro onde se teciam o bragal de linho e as peças de lã, da roupa às capuchas e cobertores, tudo encorpado e grosseiro, foi desaparecendo ou persistiu apenas em algumas aldeias da montanha. Mas permaneceu a tradição da mão-de-obra e, com o desenvolvimento industrial, os *fabricantes*, nome que no século XIX se dava aos operários de ambos os sexos, sustentam uma das condições dele e ani-

¹ Extracto do estudo histórico-geográfico das áreas dominantes na formação nacional (em preparação).

² Tema de *O Arco de Santana* de Almeida Garrett, ao contrário dos romances de Herkulano, completamente efabulado.

mam a periferia do Porto com outras indústrias, umas ecológicas, outras vivendo apenas da importação. Para fixar a tecelagem contribuíram a grande abundância de águas onde se deixava o linho a macerar, se lavava a lã e se faziam os caldos da tinturaria, primeiro com entrecasco e bagas de árvores, depois com corantes sintéticos.

A fiação e tecelagem de algodão, em parte importado do Ultramar, instalou-se principalmente ao longo do Rio Ave, onde existe a maior concentração horizontal de fábricas, de várias dimensões, umas seguidas, outras separadas por pequenas extensões de campo, que dão a este vale, amplamente aberto, a inconfundível fisionomia de forte implantação industrial que vivificou a agricultura.

Do Minho ao Douro cada foz teve o seu porto e cada porto deu à aglomeração um toque urbano pela prosperidade dos armadores: Caminha, Viana da Foz do Lima (hoje do Castelo), Vila do Conde, Porto, com o subúrbio de Vila Nova de Gaia, que sempre dependeu da cidade e do comércio marítimo. Na extrema da navegação fluvial, Valença, poderosamente fortificada depois da Restauração, em frente do baluarte de Tuí, Ponte de Lima, o porto do Cávado que servia Braga na época romana, a grande via de penetração do Douro, pelo menos tão frequentado como o Tejo, acessível ainda no século XVII a navios de alto bordo até à Penajoia, porto de Lamego, que antecedeu o Peso da Régua, e pelos rabelos, que transportavam as pipas de *vinho fino*³ até ao Cachão da Valeira e, destruído este obstáculo (1792), até à fronteira de Barca de Alva. Se, como mostrou Roger Dion⁴ «les grands crus» nascem das cidades, como os arrabaldes, o *Douro*, isto é, a mancha de xisto atravessada pelo rio, em cujos *geios* (socialcos) se produz o vinho fino, é como um subúrbio disjunto do Porto, com as suas *quintas* confortavelmente mobiladas para receber durante a vindima uma «sociedade» presumida e altiva, a sua adega e a *cardenha*, onde se albergavam as *rogas* que desciam da *Terra Fria* ao som do bombo e dos ferrinhos, que continuavam a animar o duro trabalho da vindima e do lagar. Dormiam num duro enxergão, cobertos pela própria manta, aos dois em cada tarimba, mas homens com homens e mulheres com mulheres, mesmo os casados⁵.

³ Nome tradicional e local.

⁴ *Histoire de la vigne et du vin en France, des origines au XIXe siècle*, Paris, 1959, livro admirável onde a Geografia e a História se encontram poderosamente entrelaçadas e que sugere directrizes metodológicas preciosas, de um dos mais notáveis geógrafos da «escola francesa», sempre tão inovadora, mas onde hoje a tradição *vidaliana* se vai obliterando por desencontradas e mal cerzidas influências da chamada «Nova Geografia».

⁵ Vejam-se os romances de Miguel Torga, *Vindima*, e de Graça Pina de Morais, *A Origem*, aliás muito diferentes, amargo e sarcástico aquele, este de um poderoso e comovente lirismo no ambiente de velha família, e ainda Alves Redol, *Porto Manso*, que

A preparação e envelhecimento de um dos grandes vinhos de fama universal faz-se nos armazéns de Vila Nova, a sua exportação pelo Douro, cujo cabedelo⁶, instável e perigoso, o tornou hoje acessível apenas a pequenos navios - servindo a grande navegação Leixões, porto artificial seguro e bem apetrechado. Lisboa, primeiro centro de movimento marítimo entre Sevilha e Vigo, por onde o país exportava e importava, até há meio século, o essencial dos seus produtos, tem maior variedade que o Porto mas nenhum produto que lhe desse fama e proveito no mundo. A venda do *porto* para o Brasil, Inglaterra e outros países do Norte da Europa, começou nos princípios do século XVII, do seu último quartel datam algumas firmas inglesas que ainda hoje existem como marcas. «A partir do terceiro quartel do século XVIII, a exportação do vinho do Porto deveria representar entre metade e dois terços de toda a exportação vinícola nacional».⁷ Os vinhos medievais do Sul, dos quais o mais célebre é o *Osoie* (Azoia, certamente Colares), haviam desaparecido do mercado e este só retomou importância durante a época romântica.

O horizonte de todo o Entre-Douro-e-Minho é fechado pelas montanhas mais chuvosas da Europa. Mas, ao contrário do Douro, cujas íngremes vertentes são dominadas pelas alturas da Sé e do Convento da Serra do Pilar, distantes apenas de 1200 m, todos os outros rios se alargam em veigas altamente produtivas, na mais complexa policultura regada que se pratica na Europa-só comparável às do Extremo-Oriente⁸.

A alternância do campo-prado e a larga parte de forragens que se tiram das culturas de Verão faz com que o Entre-Douro-e-Minho seja a única província onde o número de bovinos exceda o de ovelhas e cabras e os porcos criados à pia só fossem ultrapassados pelas grandes varas dos montados do Sul, antes da peste suína. As montanhas estavam cobertas de castanheiros, cujo fruto entrava largamente na alimentação, antes da introdução do milho no século XVI e da batata no século XIX; é provável que concorresse muito largamente com a lande de azinheira e de carvalhos, (a imprecisão do sentido admite as

evoca a concorrência dos *rabelos* com o caminho de ferro, que acabou com eles, - este e outros temas retomados no ciclo do *Port Wine*. Hoje os bancos tomaram conta do maior número de quintas, os *geios* transformaram-se em ladeiras, a cultura e o lagar são mecanizados, a gente das *rogas* emigrou para a França e outros países da Europa progressiva.

⁶ Estudado com grande minúcia e rigor na tese de J. M. Pereira de Oliveira, *O Espaço Urbano do Porto*, 1973.

⁷ Armando de Castro in *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, p. 316.

⁸ Várias vezes descrita por mim, remeto para *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* 5.^a edição, 1987 e os artigos «Agricultura» e «Milho», no *Dicionário de História de Portugal*.

duas traduções) que Estrabão dá como o pão dos lusitanos e calaicos. A *água de lima* permite regar o lameiro e o linhar; fiado e tecido pelas mãos hábeis das moças, o linho constitui o *braga*? (peça de cerca de 30 m), donde a dona de casa talhava camisas e ceroulas para o marido, camisas para si, cueiros para os filhos, toalhas de mesa e de enxugar — admirável autarcia —, e ainda a venda de bois de trabalho e de engorda que, nos meados do século XIX, se exportavam largamente para a Inglaterra (entre nós o carneiro e o porco eram mais apreciados do que a vaca).

A sociedade estava perfeitamente estratificada: velha fidalguia que ascendia às poderosas famílias portuguesas¹⁰ e, com os progressos da Reconquista, irradiou para o Sul, mas que devia viver com pouco mais conforto que os seus servos; duas dioceses ricas, numerosos mosteiros, também grandes proprietários de muitas parcelas de terra; tanto a fidalguia como a igreja tinham larga parte dos bens rústicos aforados - em todo o caso ausência total de grandes herdades e explorações agrícolas e pecuárias; *lavradores* modestos, com terra sua, mas em maior parte foreiros, *cabaneiros*, equivalentes aos *ganhões* do Alentejo mas mais pobres que estes, enxames de mendigos e vadios que, deslocando-se por feiras e romarias, conseguiram viver sem trabalhar.

Grande aperto de terra, que leva à emigração tanto fidalgos como plebeus - até quase aos nossos dias o maior contingente. Na Madeira e nos Açores, à excepção das ilhas mais cedo ocupadas (Porto Santo e Santa Maria), onde persistem vestígios de uma primeira vaga de colonização algarvia, na época henriquina, as casas e o arranjo do campo evocam o Minho, tal como a maior parte das cidades das Ilhas, do Brasil tradicional e do Ultramar lembram o estilo urbano do Porto, que por sua vez influenciou a fisionomia de quase todas as cidades e de muitas vilas do Norte de Portugal. No século XVII dizia-se que Salvador era uma «colónia do Minho», gritava-se «À de Viana» por «Aqui dei Rei»; no século seguinte, forte contingente foi para Minas Gerais: grande parte das famílias notáveis de Ouro Preto eram de cepa minhota.

Esta história complexa *lê-se* na paisagem. Da Idade Média datam a maior parte dos castelos e muralhas, a máxima densidade de igrejas e mosteiros românicos do país, de grande e singela elegância (o gótico é uma arte do Sul e está representado apenas em poucas abóbadas de nervuras), algumas torres isoladas ou pegadas a paços, muitos com capela anexa, feitos ou refeitos na «idade do ouro e diamantes» (Lúcio

de Azevedo), sustentada pela mineração brasileira.

⁹ De *bragas*, calças, de origem céltica mas por intermédio do latim.

¹⁰ Estudadas com minúcia, rigor e rasgo, por José Mattoso.

⁹ De *bragas*, calças, de origem céltica mas por intermédio do latim. ¹⁰ Estudadas com minúcia, rigor e rasgo, por José Mattoso.

único, anterior: o paço de Giela, manuelino, junto dos Arcos de Vale de Vez. O barroco, que tão bem se implantou na riqueza ornamental de tantas igrejas e palácios (Falperra, perto de Braga, a Casa do Raio na cidade), que datam daquela época de prosperidade, quando também se refizeram poderosos conventos, alguns mais antigos que a Nação e que adoptaram geralmente a regra cisterciense. A última construção desse ciclo é o Palácio da Brejoeira, perto de Monção; é já do século XIX, mandado construir pelo fidalgo talvez mais rico da Província, num desparrame de residência régia, inspirado no Paço da Ajuda em Lisboa. Sempre que, numa modesta aldeia da montanha, se encontra uma casa de cantaria aparelhada, provida de telhado, quando as outras são de pedra solta e cobertas de colmo, não de todo desaparecido e excelente defesa para o duro Inverno, lê-se no lintel da porta uma data do século XVIII.

Com a independência do Brasil, este país tornou-se, no dizer de Herculano, «a nossa principal colónia». Até à última guerra recebeu os maiores contingentes da emigração nacional, do Continente, elevados também os dos Açores, que se repartiam principalmente entre a Califórnia e o Brasil; os madeirenses seguiam outros destinos. De 1886, ano em que começam registos de confiança, até 1950 (muito diminuídos durante a segunda guerra mundial), vem à cabeça o distrito de Viseu, seguido de perto pelos do Porto, Aveiro, Vila Real, Coimbra, Braga, Bragança, Guarda e Viana; em todo o Sul os valores são muito mais baixos. Aqueles a quem a fortuna sorrira, tinham deixado as mulheres na terra ou escapado às atraentes mulatinhas da «banda di lá», voltavam e eram conhecidos por *brasileiros* nos sítios da naturalidade ou implantação. Camilo, incomparável conhecedor do Minho e do Porto, caricaturou-os impiedosamente nas suas novelas.

As *casas de brasileiros* sobressaiem geralmente pelas dimensões, aparato e mau gosto: com varandas e cobertos, às vezes torres, revestidas de azulejos de cores nítidas, distinguem-se ao mesmo tempo dos estilos tradicionais das moradias como das recentes *casas de franceses* retornados depois do último surto emigratório, a partir do decénio de 60. Trabalhadores duros e ordeiros, quando na própria terra não são raros os madraços e conflituosos, não fazem má figura na Europa média (não longe de meio milhão só em França). Vêm passar as férias de Verão e às vezes do Natal ao lar paterno renovado ou às casas espantosas que a generalização do cimento e do tijolo permite construir nalgumas semanas, com arrebiques de escadas, varandas, alpendres, telhados desencontrados, às vezes cobertos de telha preta, forrados de azulejos mais extravagantes do que os dos *brasileiros* ou pintados de cores berrantes de gosto mais deplorável. São os Senhores Engenheiros das Câmaras (título de tanto prestígio como os de médico e «doutor de Leis») que, mediante incríveis negociatas (nunca reinou

em Portugal tanta corrupção a todos os níveis), impingem projectos copiados de revistas estrangeiras, descaracterizando de tal modo a formosa arquitectura das nossas vilas e aldeias que muitos estrangeiros que nos visitam as tomam como a expressão típica de Portugal; nem as aldeias serranas escapam a esta calamidade.

Com todas as vicissitudes rapidamente esboçadas, Entre-Douro-e-Minho, com o concelho de Vila Nova de Gaia, sempre um subúrbio do Porto, corresponde *plus minus* à Comarca de 1527. Em 8% da superfície do país vivia 19,5% da população e o Porto, a despeito do velho privilégio de não ter de «aposentar» fidalgos durante mais de três dias, foi, provavelmente desde sempre, a segunda cidade do país, com cerca de 3.000 vizinhos (fogos)¹¹; Évora tinha, desde o fim do século XV, mais «nobreza» mas menos população (2.800 fogos). Pelo primeiro recenseamento regular (1864) cabem aos distritos do Porto, Braga e Viana do Castelo 22% da população, pelo último (1981) 27%; deu-se entretanto, principalmente a partir da primeira guerra, um surto muito elevado da capital, hoje transformada numa conurbação de cerca de milhão e meio de habitantes, com o crescimento contínuo e acelerado das aglomerações satélites, dum e doutro lado do Tejo: as novas *ciudades* da Amadora e de Almada contam respectivamente 147.000 e 110.000 habitantes. O Porto e os cinco concelhos federados, embora em pleno desenvolvimento (625.000 habitantes), ficam muito aquém; no entanto a «capital do Norte» exerce irradiação e atracção que, em vários aspectos, chegam à bacia do Mondego e à Serra da Estrela, mais de um terço do país na sua área mais povoada¹². A capital do Norte conserva muito viva a individualidade económica, política e cultural, espírito de iniciativa e de decisão, recobrando as áreas de influência das maiores cidades regionais - Coimbra (75.000 habitantes) e Braga (63.000 habitantes).

¹¹ J. Galego e S. Daveau - *O Numeramento de 1527-1532. Tratamento cartográfico*, Lisboa, 1986, p. 107. Apesar do cuidado com que foi feito o Numeramento, a conversão de vizinhos ou fogos em habitantes, usando-se geralmente o multiplicador actual 4, é incerta, diferentes nas cidades e vilas maiores e no campo; não é impossível que às vezes se tenham contado as pessoas pelos róis de confissão (excluídas as crianças), o que dá um valor mais elevado do que o de vizinhos ou fogos, isto é, chefes de família. Atemo-nos assim apenas a uma ordem de grandeza.

¹² A área de influência do Porto foi estudada, de maneira muito completa e aprofundada, por François Guichard, na tese monumental que defendeu em 1983 e que continua infelizmente por publicar: *Porto, la ville dans sa région. Contribution à l'étude de l'organisation de l'espace dans le Portugal du Nord*.

Orlando Ribeiro
Ramada de quintal no Alto-Minho
Casa típica em Braga

